

Eris considera missão nos EUA satisfatória

Mauro Mattos — 07/08/90

Manoel Francisco Brito
Correspondente

WASHINGTON — Ibrahim Eris, presidente do Banco Central, partiu de volta depois de um giro de três dias pela capital americana e Nova Iorque, levando na bagagem duas certezas — sobre as quais, aliás, ele já não tinha nenhuma dúvida. A primeira é que a negociação com os credores privados da dívida brasileira vai ser muito difícil. A segunda é que o Tesouro americano e as instituições multilaterais, neste cabo-de-guerra, estão se contorcendo para não tomar as dores de nenhum dos lados.

“Eu vim aqui explicar nossa posição e, neste sentido, minha missão foi satisfatória”, disse Eris. “Pelo que ouvi de meus interlocutores (entre eles Michel Camdessus, do FMI, e David Mulford, do Tesouro), nossa conversa com os bancos não será fácil. Reconheço que nossa proposta não é facilmente aceitável.” Para os banqueiros, é claro, como fez questão de lembrar o presidente do Banco Central.

Para o pessoal do governo americano e das instituições, a coisa não parece ser tão complicada assim. “De nenhum deles ouvi que a proposta era inaceitável, até porque esta é uma decisão que compete aos ban-

cos”, contou Eris. Seus interlocutores, se evitaram críticas, foram — pela versão do funcionário do governo Collor — compreensivos em relação às linhas gerais do plano de reescalonamento proposto pelo Brasil.

“Mulford concordou com a tese de que a negociação da dívida deve estar baseada na política econômica, e é isto justamente o que estamos fazendo”, relatou. O que não impediu o americano de bombardear o brasileiro com perguntas sobre o conceito fundamental de toda a proposta, o da capacidade brasileira de pagamento da dívida. “Mulford perguntou constantemente sobre o assunto. Voltei a ele, expliquei a metodologia que guiou nossas contas”, disse Eris, contando que seu interlocutor não deu uma pista sobre o que achou da exposição.

Outro ponto bastante mencionado na conversa, e também durante seu encontro de terça à noite com Camdessus, foi sobre a disposição do Brasil de retomar o pagamento de juros. Eris deu a resposta habitual, dizendo que isto só viria depois de um acordo com os bancos credores. De Camdessus, Eris ouviu também que talvez fosse bom para o Brasil repetir viagens — como a que ele fez aos Estados Unidos —

ao Japão e à Europa, a fim de explicar melhor a proposta de renegociação.

Na dica de Camdessus, como explica uma fonte financeira da capital, está o fato de que as instituições multilaterais, como o FMI e o Banco Mundial, enxergam coisas importantes no plano de reajustes do governo Collor e méritos profundos no seu plano de renegociação para a dívida. “Eles têm consciência de que o Brasil fez mais do que habitualmente se pede no campo de reformas e que a proposta da dívida não só está articulada a este plano, como está muito bem elaborada”, diz.

Por isso, é importante o convencimento dos governos credores sobre a justeza da posição brasileira, até porque eles são os principais acionistas dessas instituições, as únicas que ainda se dispõem a depositar algum dinheirinho nos cofres brasileiros. Por falar neles, Eris confessou ontem que a situação das linhas de crédito do Brasil piora a cada dia. “Mas ainda não há razões para alarme. O Brasil tem US\$ 8 bilhões de reservas para se agüentar e o Banco Central tem um esquema pronto para entrar em ação diante de qualquer emergência”, contou, recusando-se a revelar qual era o plano.



Eris: negociação com credores privados será difícil